

Por *Monica Rabello de Castro*

O movimento cada vez mais crescente de publicações científicas no Brasil é tão significativo em termos quantitativos, quanto relevantes nas temáticas abordadas e no rigor com que têm sido feitas. Os estudos na área da Educação acompanham esse movimento, buscando contribuir com esses avanços, afinal, somos uma área que tangencia e alimenta as demais. A Revista Educação e Cultura Contemporânea, em seus 14 anos de publicações regulares, consolida seu lugar de incentivadora do movimento editorial da área, cada vez mais presente nas discussões sobre os problemas atuais de nosso país, cumprindo seu papel de veicular conhecimentos, na construção de um mundo com valores mais favoráveis à convivência humana.

Esse número apresenta artigos de diferentes temáticas e, por isso, buscamos reuni-los pela proximidade de seus temas.

Iniciamos com dois artigos fundamentados na Teoria das Representações sociais, o primeiro, um ensaio teórico, “A influência da cultura sobre as representações sociais” de *Felipe da Silva Triani, Carine Camara Bizerra e Cristina Novikoff*, que analisa a contribuição do conceito de cultura para a compreensão desta teoria. Entendendo cultura como abstração transmissora de referências simbólicas, os autores, por meio de uma pesquisa bibliográfica, argumentam sobre a ideia de que é fundamental estudar as representações sociais dentro da cultura em que nela foram geradas.

O segundo artigo, “Percepções socioambientais de crianças sobre o Rio Iguaçu nos municípios de União da Vitória (Pr) e Porto União (Sc)”, de *Gilivã Antonio Fridrich e Nelma Baldin*, trata das percepções de crianças, pelos acesso das representações sociais, quanto à preservação, conservação e a valoração das águas do Rio Iguaçu. Concluem que as crianças se preocupam com a busca de soluções e desejam que sejam implantados projetos e ações de práticas ambientais relacionadas à proteção do meio ambiente.

Ainda destacando a questão cultural, *Marival Matos Santos* apresenta no ensaio “Multiculturalismo, competências interculturais e estado global monocultural” reflexões sobre um tema presente em praticamente todas as pesquisas em nossa área, os perigos

ocultos do pluralismo cultural no sistema educativo e político, partindo da constatação de heterogeneidade cultural como característica essencial da nossa civilização.

A próxima sequência de artigos trata diretamente de questões sobre o fazer na sala de aula. *Andreia Cristina Rodrigues Trevisan* e *Andréia Dalcin* apresentam, em “Um olhar sobre as questões de gênero em livros didáticos de Matemática” uma pesquisa qualitativa, que analisou imagens em livros didáticos de matemática, focalizando o papel político da Educação Matemática. Buscaram nas imagens, em especial da mulher, seu papel social e sua relação com a matemática e seu ensino. Observaram nos livros didáticos analisados uma representação idealizada da sociedade contemporânea, discursos contraditórios em relação à mulher e à matemática, um discurso por vezes preconceituoso, arraigado historicamente nas relações entre homens e mulheres, e do qual identificaram resquícios nas imagens analisadas.

Em “As vozes dos estudantes: entendimentos acerca da escola, educação e aprendizagem”, *Graciele Alice Carvalho Adriano* e *Gicele Maria Cervi* apresentam resultados de uma investigação realizada com estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental, numa escola pública de ensino. O artigo problematiza a escola enquanto instituição inventada na modernidade com a função de estabelecer uma ordem social e mental de disciplinamento e de controle. Os estudantes evocaram prioritariamente a obrigatoriedade na frequência dos espaços escolares, a importância da aprendizagem dos conteúdos e, diante de investimentos precários do governo nas escolas, aspiração na conquista de um futuro melhor.

*Renata Silva Pamplona* e *Nilson Fernandes Dinis* apresentam um estudo sobre identidade sexual e gênero no artigo “A série Glee e o fascínio das monstruosidades no cenário escolar”. Nele, analisam o contexto escolar da série televisiva Glee, criada pelo diretor americano Ryan Murphy. Focalizam a noção de monstruosidade com o objetivo de discutir como essa dimensão funciona enquanto intimidação da estabilidade identitária e como essa noção é imputada às pessoas que ousam romper com os convencionais estereótipos e dicotomias de gênero presentes no contexto escolar.

O artigo “A condicionalidade na garantia dos direitos humanos básicos e as concepções dos educadores sociais” de *Maria Cecília Kerches Menezes* e *Debora Cristina Fonseca*, discute como os direitos fundamentais são significados por educadores sociais, quando a efetivação desses direitos está atrelada à participação compulsória dos sujeitos em atividades educativas. Os resultados apresentados evidenciam educadores sociais

também alienados desse sistema, reproduzindo a formação de indivíduos submissos e acríticos.

“Novos letramentos com a mediação da tecnologia móvel na escola”, de *Ana Paula Knaul* e *Daniela Karine Ramos Segundo*, analisa a presença do tablet em práticas pedagógicas de duas turmas do Ensino Fundamental. Sugerem a ampliação do uso da tecnologia móvel com o desenvolvimento de novos letramentos, direcionando práticas de colaboração diversas. Consideram a necessidade de maior fluência digital por parte dos professores; de boa infraestrutura da escola para oferecer conexão estável com a internet, bem como suporte e manutenção para o uso dessas tecnologias. Por fim, sugerem a flexibilização dos currículos para se adequar aos ritmos e tempos das crianças e professores na integração da tecnologia móvel.

Ainda sobre suportes tecnológicos, o artigo “Saberes docentes e as tecnologias de informação e comunicação: reflexões a partir de experiências pedagógicas” de *Rita de Cassia de Souza Landin* e *Maria Iolanda Monteiro*, apresenta uma reflexão sobre os saberes docentes implícitos nas experiências pedagógicas de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que utilizam recursos tecnológicos, especificamente softwares educativos, no processo de ensino aprendizagem da alfabetização e letramento. Observam que a formação de professores ainda não absorveu satisfatoriamente esta demanda formativa. Apontam a necessidade de formação docente (inicial e continuada) específica para este fim, que leve em conta estratégias de formação que proporcionem a formação midiática destes profissionais.

*Dilian Martin Sandro de Oliveira* e *Alessandra de Moraes* discutem estilos de resolução de conflitos no artigo “Desenho Animado e Formação Moral: resultados de uma intervenção”. A partir da análise do desenho animado mais assistido pelos participantes; verificaram os estilos de resolução de conflitos presentes em seus episódios para compreender a influência que a veiculação dos conteúdos presentes nele se relacionam com o modo das crianças resolverem conflitos hipotéticos e reais. Concluem que as estratégias de resolução de conflitos dos personagens do desenho mostraram-se predominantemente agressivas ou submissas, já com os sujeitos da pesquisa que participaram do Programa, as formas agressivas não foram tão expressivas.

Tendo o professor como foco, seguem-se três artigos. O artigo “A colaboração e o modelo comunicacional no fórum de discussão online” de *Marta Teixeira do Amaral Montes*, *Maria Judith Sucupira da Costa Lins* e *Jadir Magno dos Montes*, analisa a funcionalidade

pedagógica do fórum de discussão nos cursos a distância e suas estratégias metodológicas. Concluem que, embora os professores reconheçam que a EaD é uma modalidade que demanda postura docente diferenciada e instituiu novas relações com o conhecimento, ainda não conseguiram mudança na prática da pedagogia da transmissão e transpor a lógica da linearidade. A adaptação do ambiente presencial para o cenário virtual ainda é um aspecto forte na modalidade online. Os entrevistados percebem que a interatividade é um fator primordial para que o conhecimento seja construído no ambiente virtual, mas evidenciam que os processos colaborativos precisam ainda ser desenvolvidos pelos professores nos fóruns de discussão sob a perspectiva do modelo todos-todos.

*João Paulo Baliscej, Teresa Kazuko Teruya e Geiva Carolina Calsa* apresentam, no artigo “Entre o flexível e o rígido: assimetrias entre o trabalho e a educação escolar na modernidade líquida”, algumas considerações a respeito do trabalho e da educação no século XXI. Tem como objetivo investigar as características do trabalho relacionando-as com o espaço e atividades escolares. A partir de uma pesquisa bibliográfica, verificaram que, mesmo o mercado de trabalho tendo acompanhado o ritmo das inovações, a escola e as práticas pedagógicas, por sua vez, apresentam poucas modificações em sua organização e currículo.

O artigo seguinte, “Vulnerabilidade social e desenvolvimento infantil: um olhar a partir da Teoria Histórico Cultural e da Neurociência”, de *Andreia Ines Dillenburg, Fabiane Adela Tonetto Costas, Lucielem Chequim da Silva e Rudiane Ferrari Würfel*, apoia-se nos estudos da neurociência, em articulação com a Teoria Histórico-Cultural, para compreender os impactos da vulnerabilidade social no desenvolvimento infantil. Para os autores, o desenvolvimento cognitivo e social dos indivíduos necessita da interação permanente entre fatores genéticos e ambientais. Compreendem que a situação de vulnerabilidade social influencia o desenvolvimento da criança, no que tange aspectos físicos e psicológicos, não se referindo apenas às questões financeiras, mas à falta de diversos recursos que favorecem o desenvolvimento humano. Ressaltam que as poucas garantias de acesso a serviços básicos como saúde, educação, saneamento, dentre outros, influencia o desenvolvimento infantil, tanto em nível físico quanto psicológico e social.

*Juliana Silveira Mörschbacher e Carla Karnoppi Vasques* investigaram o brincar como ato pedagógico, estudo apresentado no artigo “Inclusão escolar e atendimento educacional especializado: algumas profanações”. Trata-se de um estudo teórico em que os conceitos dialogam com as memórias e as vivências como professora de um aluno com impasses em sua constituição psíquica, durante os anos de 2011 e 2014, numa rede pública

de ensino do Sul do país. O objetivo propõe a construção de um novo olhar sobre esses sujeitos e suas possibilidades educacionais e subjetivas e questiona interpretações mais estreitas, de modo a alargar perspectivas e flexibilizar os processos educacionais. Ressaltam o brincar como ato pedagógico, no âmbito do Atendimento Educacional Especializado, como capaz de efeitos estruturantes para alunos que vivem impasses em seu processo constitutivo. Para elas, o brincar é o próprio trabalho de constituição do sujeito na infância, daí a intervenção com e a partir do brincar neste tipo de atendimento.

O artigo “Inclusão escolar de alunos com deficiência através do paradesporto”, de *Julio Silva, Maria Carolina Santos, Carla Patrícia Guimarães, Mauro Rodrigues Melo e Marcio Ribeiro Oliveira*, apresenta um caso de inclusão de alunos com deficiência motora em aulas de educação física e prática recreacional. Para viabilizar a inclusão, desenvolveram recursos pedagógicos, como equipamentos e cartilhas, aplicando métodos de análise ergonômica e de projeto de produtos. Os autores argumentam que a experiência se mostrou bem-sucedida, produzindo a inclusão dos alunos com deficiência motora nas aulas de educação física, praticando o esporte integrados com alunos sem nenhuma deficiência e com deficiências de outra natureza. Mostram ainda que alguns alunos se aprimoraram no paradesporto a ponto de serem convidados a treinar em clubes, passando para a categoria de esporte de alto rendimento. Avaliam a importância do projeto pelo interesse que despertou nas secretarias de educação de outros municípios, com possibilidade de ser replicado e ampla repercussão na mídia.

Finalizamos esta edição com o artigo “Enfermeiras em rede: Desenho comunicativo de gestão de comunidades”, de *Milton N. Campos, Fabiane Proba e Leonardo Viana*, que apresenta o processo de construção de uma comunidade em rede de enfermeiros, realizado no Canadá, país que enfrenta crescentes problemas no sistema de saúde, relacionados tanto a questões de financiamento como de gestão. A comunidade foi implementada com base no desenho comunicativo de gestão em rede, uma abordagem de pesquisa-ação inspirada na tradição do design participativo, com o objetivo de desenvolver novas maneiras de se discutir práticas e de transformá-las. Ao final, discutem as contribuições potenciais da abordagem utilizada para pesquisas que integram saúde, educação e comunicação.

Encerraremos este ano com um número temático, versando sobre “As representações sociais nos processos educativos”, conforme havíamos anunciado. As pesquisas em nossa área que usam o suporte da Teoria das Representações Sociais ganham cada vez mais espaço, tendo sua produção reconhecida internacionalmente. A

escolha do tema inspirou-se no fato de que temos hoje, no Brasil, muitos grupos consolidados sobre a temática, fornecendo contribuições relevantes e singulares para a melhoria de nossa educação.

Para o próximo ano, programamos dois números temáticos, um de lançamento previsto para julho e outro previsto para dezembro, além dos outros dois que apresentam diferentes contribuições, com lançamentos previstos para abril e outubro. No lançamento do próximo número iremos divulgar as temáticas previstas para que os autores possam preparar suas contribuições.

Desejo a todos uma boa leitura.